



**BELAS ARTES
RESISTE**

Professores e estudantes da EBA realizam a mostra “Orientações” no Centro Cultural dos Correios. Até 29 de setembro

Página 8

ELEIÇÕES DA ADUFRJ: VEJA DATAS DOS DEBATES

Página 7

GOVERNO CORTA 4.500 BOLSAS DO CNPq E AMEAÇA FUTURO DA CIÊNCIA



O coração da pesquisa sofreu mais um duro golpe. O governo federal cortou mais de quatro mil bolsas do CNPq em todo o país. Só na UFRJ, 135 foram suprimidas. O número pode ser ainda maior, segundo a Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. No Instituto de Biofísica, por exemplo, dois programas nota 7 perderam nove bolsas. O assunto foi tema do CEPG e alvo de protestos dos estudantes de pós-graduação na sexta-feira, dia 16. **Página 3**

FERNANDO SOUZA



O TIME DO MINISTRO NÃO É A EDUCAÇÃO

O ministro Abraham Weintraub ironizou os protestos que tomaram todas as capitais e que alcançaram mais de 200 cidades em defesa da educação, no dia 13. Com tom de deboche, em sua conta no twitter, Weintraub comparou a manifestação na Avenida Paulista a uma aglomeração de torcedores da Portuguesa. O time não gostou da postagem e rebateu o ministro: “Deveria se ocupar em temas mais nobres para o país”.

A SEMANA

CIÊNCIA OU MORTE

DIRETORIA

Nesta quinta-feira, 15 de agosto, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – anunciou que irá suspender a indicação de bolsistas para o restante do ano de 2019, devido aos cortes impostos pelo governo Bolsonaro. Infelizmente não é possível dizer que tal notícia surpreenda, mas ainda assim nos enchemos de tristeza e preocupação com o futuro da ciência e da pesquisa no Brasil. Após a demissão sumária de Ricardo Galvão do INPE, os ataques ao IBGE e ao Censo, e o engavetamento de pesquisas “inconvenientes” da Fiocruz; chegou a vez de o CNPq ser apunhalado pelo governo mais supersticioso da história brasileira.

O Brasil é hoje o 14º maior produtor de artigos científicos, com média de citações superior a (nossos colegas de BRICS) Rússia e Índia. Ademais, somos um dos poucos países que domina a energia nuclear, e em breve teremos o melhor acelerador de partículas de sua categoria. Além disso, o Brasil é o 6º maior exportador de aviões do mundo, e um dos líderes na exploração de petróleo em águas profundas. Como o governo parece achar que chegamos nessa posição de relativo destaque *ex nihilo*, nos cabe escancarar o óbvio: todas essas marcas só foram possíveis graças a um compromisso com a nossa ciência e tecnologia nos últimos 50 ou 60 anos que, apesar de imperfeito e vacilante, esteve sempre presente. Um rompimento de tal pacto em nome de coisas como o fim da “ideologia de gênero” e da “doutrinação comunista” só vai nos levar à pobreza material, moral e intelectual.

Pode-se argumentar que o divórcio com o conhecimento começou antes do atual governo, com a proposta e subsequente aprovação da Emenda Constitucional 95. Disfarçada de medida “responsável”, necessária para o “ajuste fiscal”, a emenda foi um desastre retumbante, pois gerou um *modus operandi* completamente viciado: nada muda na estrutura orçamentária e simplesmente corta-se o que passar do teto de gastos, como se custos pudessem ser controlados dessa forma. Além disso, como o teto deve ficar sempre muito próximo dos custos (ele foi estabelecido num ano de baixíssimo investimento, e só se corrige pela inflação), a EC 95 essencialmente congela os investimentos nas mais diversas áreas no

IMAGEM DA SEMANA

MULHERES INDÍGENAS MARCHAM EM BRASÍLIA EM LUTA POR SEUS TERRITÓRIOS

■ A Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília, na quarta-feira, teve como mote “Território: nosso corpo, nosso espírito”. A marcha marcou o encerramento do Fórum Nacional das Mulheres Indígenas. “Somos totalmente contrárias às narrativas, aos propósitos e aos atos do atual governo, que vem deixando explícita sua intenção de extermínio dos povos indígenas, visando à invasão e à exploração genocida dos nossos territórios”, diz um trecho do documento final da marcha.

Sem bolsas, sem pesquisa e sem futuro

> Na UFRJ, 135 bolsas de iniciação científica foram suprimidas, fora as perdas nos cursos. SBPC faz abaixo-assinado em defesa de orçamento para o CNPq

KELVIN MELO
kelvin@adufRJ.org.br

O governo Bolsonaro deixou o CNPq à míngua e golpeou o coração da pesquisa brasileira, cortando 4,5 mil bolsas em todo o país. Só na UFRJ, a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PR-2) registrou, por enquanto, a supressão de 43 bolsas de iniciação científica (PIBIC), 43 de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Científica (PIBIT) e 49 de iniciação científica voltadas para estudantes do ensino médio (PIBIC-EM). Como as bolsas de mestrado e doutorado da agência são distribuídas diretamente para os programas, a PR-2 ainda faz o levantamento de todas as perdas da universidade.

Para a pró-reitora Denise Freire, o corte nas bolsas já apurado representa um ataque ao “coração da pesquisa” da UFRJ. “Estes alunos de iniciação depois ingressam em nossos programas já sabendo uma metodologia de pesquisa científica”, disse. Em reunião do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) realizada um dia após o anúncio do CNPq, a professora deu prazo de uma semana para os conselheiros ajudarem a obter os números de bolsas perdidas em cada programa. “Preciso ter estes dados para negociar em Brasília”, disse. Denise obsejou que o corte ocorreu na data em que haveria a renovação dos bolsistas. A PR-2 manifestou, em nota, o repúdio à medida.

Superintendente de pós-graduação, o professor José Luís Silveira demonstrou preocupação extra com os programas que se organizam trimestralmente. Como eles são iniciados em setembro, esta é a época de seleção de alunos e alocação das bolsas, agora impedida. “O estrago, com certeza, vai ser muito grande nestes cursos”.

Diretor do Instituto de Biofísica e representante do CCS no CEPG, o professor Bruno ficou indignado com o impacto nacional do corte. “Isso acaba com o sistema de pesquisa do país. Que estímulos os alunos vão ter?”, criticou. Diaz informou que os dois programas nota 7 da unidade perderam 9 bolsas, sendo 6 de doutorado e 3 de mestrado. Alunos de graduação e pós-graduação do Centro de Tecnologia realizaram um ato de protesto contra os cortes do CNPq, no dia 16. Daniel Tinoco, estudante do Programa de Engenharia Química da Coppe, foi um dos organizadores. Bolsista de doutorado da agência, Daniel não sabe se continuará sua pesquisa, no próximo mês, se o CNPq cortar todas as bolsas.



PROTESTO Estudantes de graduação e pós-graduação do CT fizeram ato no dia seguinte aos cortes

“Sem o dinheiro, vou voltar para a minha cidade, Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais. Não tenho como me manter no Rio”.

ABAIXO-ASSINADO

O futuro incerto do CNPq tem mobilizado a comunidade científica. Em menos de 24 horas após o lançamento, dia 13 – antes do corte das bolsas – trinta mil assinaram uma petição eletrônica que cobra do governo a restituição do orçamento da agência de fomento. Oitenta mil já tinham aderido à causa dois dias depois.

O professor Bernardo Ribeiro, da Escola de Química, ajuda a divulgar o manifesto. “Fui bolsista no doutorado e na iniciação científica”, disse. “Fica difícil manter a estrutura funcionando assim. Equipamentos quebram. Alunos precisam das bolsas”.

A iniciativa do abaixo-assinado é da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e

tem apoio de 65 entidades científicas. O texto, que pode ser encontrado na plataforma change.org com o nome “Somos Todos CNPq”, será entregue ao governo e ao Congresso.

“Tentamos uma suplementação há meses no Congresso Nacional e junto ao Ministério de Ciência e Tecnologia, mas a Economia não autoriza (a liberação) do recurso”, afirma o presidente da SBPC, professor Ildeu Moreira. São necessários mais R\$ 330 milhões para fechar as contas do CNPq até dezembro.

O manifesto mira também o orçamento para 2020. O governo manda sua proposta até o final do mês. Outro receio é a extinção da agência: “Existente uma corrente forte dentro do governo, em particular na área econômica, de extinção do CNPq”, afirmou. “Uma das justificativas é que já existe a Capes para financiar bolsas”. **(Colaborou Elisa Monteiro)**

BAIXA ADEÇÃO AO FUTURE-SE FAZ MEC AMPLIAR PRAZO

Sete universidades já rejeitaram oficialmente o Future-se. São elas: a UFRJ e as federais de Minas Gerais, do Ceará, do Amazonas, de Roraima, Amapá e Rio Grande. A baixa adesão fez o governo prorrogar o prazo da consulta pública de 15 para 29 de agosto.

Além dessas instituições, outras quarenta emitiriam documentos que apontam falhas no programa lançado pelo MEC para mudar a gestão e financiamento das universidades e institutos federais. Em todas as manifestações há o diagnóstico do desrespeito à autonomia universitária e da negação de projetos de educação construídos com participação da sociedade, como o Plano Nacional de Educação.

A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ‘casa’ do ministro da Educação Abraham Weintraub, aprovou documento contrário ao programa. “O Conselho Universitário considera que a proposta Future-se cerceia a autonomia das IFES, não aborda as questões centrais que preocupam as Universidades públicas brasileiras, possui diversas fragilidades e riscos, tornando-se, ao fim, inaceitável”. A universidade não votou se adere ou não ao projeto por considerar que o MEC não abriu espaço para “franco debate com a sociedade e com as Universidades”.

Em entrevista à Folha de São Paulo, o reitor da Unicamp, professor Marcelo Knobel, afirmou que o discurso contrário é a asfixia financeira imposta às universidades afasta investidores privados. “Não só o investidor privado, mas também os próprios estudantes. É importante colocar com clareza: a gente precisa da educação superior para o desenvolvimento do país”, avaliou.

EM REUNIÃO COM REITORES, WEINTRAUB ATACA PROFESSORES

■ O ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse que pode desbloquear parte do orçamento das universidades federais. O anúncio foi feito em reunião com a associação de reitores (Andifes), parlamentares e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, no último dia 13. O titular do MEC não informou prazo nem os valores do descontingenciamento. A notícia, vaga como o programa Future-se, não foi o único resultado do encontro, realizado no mesmo dia da Greve

Nacional da Educação. Weintraub voltou a demonstrar seu descompromisso com a Ciência e o desconhecimento da rotina do magistério federal. Segundo interlocutores presentes ao encontro, o ministro atacou duramente os professores. Disse que “salvaria” a universidade pública, mas que acabaria com o “absurdo” de os docentes trabalharem apenas oito horas por semana. Ou seja, mesmo sendo professor da Unifesp, Weintraub se confundiu com o mínimo de oito horas

dedicadas às aulas, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. E ignora as demais tarefas docentes, como a pesquisa. Quando questionado sobre a grave situação do CNPq, Weintraub teria dito que não interferiria em assunto de outro ministério – a agência de fomento é vinculada ao MCTIC –, mas teria observado que o órgão “está colhendo o que plantou”, pois não teria feito o “dever de casa” de promover cortes. Outro ponto preocupante para

quem participou da reunião é a desconfiança com que o ministro trata os defensores da educação pública: todos tiveram que deixar os celulares na entrada, mas a assessoria do MEC pôde filmar o encontro.

AUDIÊNCIA NA CÂMARA

Dois dias depois, o secretário de Educação Superior, Arnaldo Lima, participou de uma audiência pública na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados. Foi defender o Future-se. Mas, diferentemente

do midiático lançamento do programa, em julho, ouviu muitas críticas. Jerônimo Rodrigues da Silva, presidente do Conselho de institutos federais (Conif), disse que o programa não foi desenhado para aquelas instituições. “O Future-se não foi feito para Institutos Federais”.

Para Nilton Brandão, do Proifes, “a proposta praticamente ignora o que é a universidade hoje”. Qelli Viviane Dias Rocha, do Andes, observou que “o programa sequer cita a extensão”.





■ Lápis no lugar de armas. Alunos criticam o discurso belicista do governo e os cortes no ensino. “A saída não é mais armas. É mais educação. Isso é verdade no mundo todo, mas o governo finge que não vê”, avalia Nathália Dutra, da Uerj. O montante bloqueado no Ministério da Educação já alcança R\$ 5,8 bilhões em oito meses de gestão Bolsonaro. A irreverência dos manifestantes também satirizou o ministro Abraham Weintraub, que publicou um vídeo com guarda-chuva, o “chuva de fake news”.



ANA PAULA GRABOIS



■ Professoras da Medicina Márcia Lucena, Márcia Augusta e Livia Santiago e a estudante Alexandra Daltro marcaram presença na concentração da UFRJ, no IFCS. “O papel social da universidade é fundamental e o Future-se acaba com isso”, avalia Livia. Alexis Saludjian, docente da Economia, concorda: “A universidade tem função estratégica primordial para o país”.

THE INTERCEPT BRASIL/REPRODUÇÃO



MÃE E FILHO Margarida Silva e Fernando Duda, na Marcha

CIÊNCIA NÃO É BALBÚRDIA

EDUCAÇÃO LOTOU AS RUAS DO RIO DE JANEIRO EM ATO CONTRA CORTES

Nem a chuva que caiu à noite, no Rio, foi capaz de esfriar a multidão que foi às ruas defender a educação, no dia 13. A data teve protestos em 211 cidades. A UFRJ participou ativamente, com boa representatividade de professores, estudantes e técnicos. A concentração foi à tarde, no IFCS, onde ocorreu uma plenária comunitária com mais de 300 pessoas. No centro da discussão, um tema: o Future-se, e um uníssono não ao projeto do governo Bolsonaro. Felipe Rosa, diretor da AdUFRJ, afirmou que a comunidade acadêmica entendeu que o Future-se não é bom para a universidade. “O governo não tem um projeto para a educação. Os cortes nos asfixiam e colocam em risco várias instituições de não conseguirem terminar o ano letivo”. Pelo Sintufjr, a coordenadora Neuza Luzia falou da importância do diálogo com a população. “Esta plenária acontece na rua para dizermos aos cariocas que quando Bolsonaro corta da educação, ele

está piorando a vida das pessoas, ele impede que pesquisas sejam feitas, vacinas. Impede que os hospitais continuem atendendo”. “Nossa universidade corre risco de ter água, luz, segurança, alimentação cortadas. Isto vai parar a universidade. Estamos nas ruas para dizer não aos cortes”, completou a estudante Natália Borges, do DCE Mário Prata. Para a diretora da Associação de Pós-Graduandos (APG), Alice Pina, a educação está “em colapso”. Os organizadores da plenária convidaram a reitoria para falar da situação da UFRJ. “Tomamos uma decisão unânime contrária ao Future-se. Nossa posição é referência no debate nacional. Precisamos de unidade para defender a autonomia de gestão da universidade e para garantirmos financiamento público”, disse o pró-reitor Eduardo Raupp. No dia seguinte às manifestações, o ministro Abraham Weintraub sinalizou a reitores a possibilidade de reverter o bloqueio orçamentário para as universidades. A informação foi repassada pela Andifes.



■ As duas pistas da Avenida Rio Branco, incluindo os trilhos do VLT, foram tomados pela passeata. Placas e adesivos da AdUFRJ estamparam o peito e as mãos de centenas de manifestantes. Desde 17h, eles se concentravam na Candelária. A comunidade da UFRJ aproveitou o comércio ainda aberto para caminhar pela Rua 7 de Setembro em direção ao ato principal.



■ O ato foi encerrado em frente à sede da Petrobras, na Avenida da Chile. A empresa é importante parceira das universidades públicas no desenvolvimento de pesquisas na área de petróleo e gás. Os manifestantes estenderam na passarela, em frente ao prédio, uma grande faixa com a inscrição “Bolsonaro inimigo da educação”. Não houve confrontos com a polícia.

LULA MARQUES

MARGARIDAS COLOREM A CAPITAL FEDERAL

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Brasília ficou pintada de lilás e vermelho nos dias 13 e 14 de agosto. A Marcha das Margaridas, maior evento de mulheres da América Latina, levou mais de cem mil trabalhadoras do campo, da floresta, das águas e da cidade à capital federal nesta semana. Desde 2000, o Planalto Central é o destino da Marcha. O nome homenageia a líder camponesa Margarida Alves, assassinada na Paraíba, em agosto de 1983. A ativista lutava pela igualdade de direitos entre trabalhadores do campo e da cidade. Foi a primeira mulher a presidir um sindicato rural no Brasil. Morreu com um tiro no rosto, em casa, na frente do filho pequeno. Virou símbolo dos trabalhadores rurais e inspiração para a Marcha das Margaridas.

Na pauta do movimento, a luta por justiça social, a defesa da reforma agrária, o respeito às populações indígenas e quilombolas, a crítica à reforma da Previdência. Este ano, ganhou destaque a luta contra a violência de gênero. No dia 13, as participantes foram homenageadas em sessão solene na Câmara dos Deputados. No dia 14, o ex-ministro da Educação Fernando Haddad (PT) esteve na manifestação e leu uma carta do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, apoiando o movimento. Outra Margarida, idealizadora da Marcha, conta como surgiu a iniciativa. “Um dia a gente estava reunida no sindicato (de trabalhadores rurais, em Pernambuco) discutindo ações para fazer nos estados. Daí eu disse: ‘Por que a gente não pensa uma atividade em Brasília só de mulheres?’ As pessoas riram. Os homens achavam loucura. Mas consegui-

mos. No ano seguinte, fizemos a primeira marcha”, relembra orgulhosa dona Margarida Pereira da Silva, moradora e camponesa de Casinhas, município do agreste pernambucano. “Só faltei a uma marcha até hoje, mas foi por problemas de saúde”, diz. Dona Margarida é mãe do professor da Coppe e diretor da Adufjr, Fernando Duda. Ela destaca a importância da atividade para as mulheres camponesas. “A marcha do ano seguinte começa a acontecer assim que acaba a anterior. Ela é discutida nas comunidades, nas bases. Hoje, as pessoas sabem quando vão sair as caravanas. Sabem o que a gente defende, sabem nossa luta”. Dona Margarida reconhece que este ano houve mais dificuldades na organização do evento. “Foi muito difícil conseguir financiamento. Vendemos bolo, canjica, bordado. Mas muitas portas foram fechadas. Ainda assim, não arredamos o pé”.





FERNANDO SOUZA

AULA DE CULTURA Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marco Lucchesi, e a reitora da UFRJ, Denise Pires de Carvalho, abrem o segundo semestre letivo

Do inferno de Dante às luzes de Leonardo da Vinci

> Em aula magna de abertura do segundo semestre letivo, o presidente da Academia Brasileira de Letras, professor Marco Lucchesi, defende a cultura como base de todas as democracias

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrj.org.br

As que buscam o apagamento da cultura pelo poder, o inferno de Dante! A praga foi rogada pelo presidente da Academia Brasileira de Letras e professor Titular da UFRJ, Marco Lucchesi, durante a aula magna do segundo semestre da universidade. Na solenidade realizada no auditório Roxinho,

na segunda-feira (12), o literato mandou uma clara mensagem ao governo. “A cultura é a base das democracias. Mesmo nas democracias de baixa densidade”. Lucchesi percorreu de forma leve, mas assertiva, trechos do patrimônio artístico e científico da humanidade para defender o valor do livre pensar. Pincelou sobre a alegria na filosofia de Espinosa (1632-1677). Depois, sobre a primeira visão “imperfeita” da Lua por Galileu Galilei (1564-1642) – o italiano foi o primeiro

homem a descobrir, graças ao recém-inventado telescópio, que o satélite natural não era liso e uniforme como se romantizava. Citou a mediação filosófica de literatura de Dostoiévski (1821-1881). Encantou a plateia. Mas também houve espaço para a crítica política atual. “O conhecimento não é uma peça de carne que se possa fatiar. Embora algumas pessoas vejam a universidade desta forma”, disse em referência aos planos do Ministério da Educação para o

ensino superior e a pesquisa do país. “A ética não está dissociada do conhecimento”, advertiu. Ao final, o presidente da ABL exaltou a autonomia, ou melhor “a soberania universitária”. E fechou com otimismo as boas vindas ao novo semestre: “Se a beleza salvará o mundo, como disse Dostoiévski, a diversidade salvará o Brasil”, disse. A palestra se estendeu por cerca de duas horas. E terminou com a plateia de pé para os aplausos. Emocionada, a reitora

da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho falou sobre o impacto da pintura renascentista e o desenvolvimento da perspectiva para a ciência. “Vamos fazer como (Leonardo) Da Vinci (1452-1519) e usar as sombras para iluminar a nossa casa”, declarou, encerrando a atividade. A cerimônia que abriu simbolicamente o semestre da universidade, também foi acompanhada pelo presidente da Academia Brasileira de Ciências, Luiz Davidovich.

CLIMA É TEMA DE CURSO DO FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA

Longos períodos de seca em algumas partes do mundo. Intensas chuvas em outros pontos. A ciência já demonstrou que eventos climáticos cada vez mais extremos são consequência direta da interferência humana no clima do planeta. Para discutir o assunto e propor soluções, o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ organiza o ciclo de debates “Desastres e Mudan-

ças Climáticas: Construindo uma agenda”. De acordo com a coordenadora, professora Tatiana Roque, o curso integra diferentes áreas do conhecimento. “Tudo isto para construir de fato uma agenda sobre o tema. É fundamental que a UFRJ assuma esta tarefa”, comentou. A aula inaugural do curso aconteceu no dia 12, na Praia Vermelha, e contou com presenças

ilustres, como a reitora Denise Pires de Carvalho e o deputado federal Marcelo Freixo. A professora Suzana Kahn, vice-diretora da Coppe, foi uma das convidadas. Ela apresentou o potencial brasileiro para o desenvolvimento de tipos de energia limpa. “Para se ter uma ideia, a área em que menos há incidência de sol no Brasil recebe 40% a mais de raios solares do que a região da

Alemanha que é mais atingida pela radiação solar”, explicou. “Este é só um exemplo de nossa vantagem comparativa. Precisamos de investimentos em ciência e tecnologia para nos transformarmos em liderança mundial em baixo carbono”. Outro convidado, o professor Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional, discutiu os impactos sociais do aquecimento.

“No momento, 140 milhões de pessoas estão em deslocamento no planeta. São os refugiados do clima”. O jornalista André Trigueiro, especialista na área ambiental, completou o debate: “Precisamos de uma mudança cultural. Vivemos uma era de negacionismo e é papel da academia refutar qualquer tipo de ‘ciência do achismo’”. **(Silvana Sá)**

Comissão Eleitoral define calendário de debates

> Haverá três encontros entre as chapas que disputam as eleições da AdUFRJ. Eles acontecem no Centro (IFCS), na Praia Vermelha (CFCH) e no Fundão (CT). Serão transmitidos ao vivo pela internet

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

A Comissão Eleitoral homologou as duas chapas que se inscreveram para disputar a eleição da AdUFRJ. A Chapa 1, “Ventos de Maio: Juntos pela Universidade. Não vamos parar nem voltar atrás”, traz a professora Eleonora Ziller, da Faculdade de Letras, como presidente, e o professor Felipe Rosa, do Instituto de Física, na vice-

-presidência. Já a Chapa 2, “Adufrj em Movimento e pela Base”, tem a professora Alessandra Nicodemos, da Faculdade de Educação, na presidência, e a professora Selene Alves Maia, do Instituto de Matemática, como vice-presidente. A Comissão definiu, ainda, o calendário de debates entre as chapas. Eles serão realizados nos dias 29 de agosto, 3 de setembro e 5 de setembro. A AdUFRJ viabilizará a transmissão ao vivo, pela internet, de todos eles. As chapas também terão espaço para

divulgar suas propostas no Jornal da AdUFRJ, a partir da próxima semana. Serão três edições. Cada chapa deverá entregar o material com 4.500 caracteres de texto à Coordenação de Comunicação nos dias 21 e 28 de agosto e 4 de setembro.

QUEM PODE VOTAR
Professores sindicalizados até 12 de julho podem votar, tanto docentes da ativa quanto aposentados. Os professores escolherão também o novo Conselho de Representantes, órgão consultivo que

orienta a ação da AdUFRJ e aproxima a diretoria das unidades acadêmicas. As inscrições para o CR terminam no dia 30 de agosto. Podem se candidatar professores sindicalizados até o dia 13 de maio.

VEJA OS LOCAIS DOS DEBATES
Dia 29 de agosto: Auditório do IFCS, Centro, às 10h;
Dia 3 de setembro: Auditório Manoel Maurício, Praia Vermelha, às 18h;
Dia 5 de setembro: Auditório da Escola de Química, às 14h.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



VENTOS DE MAIO: JUNTOS PELA UNIVERSIDADE. NÃO VAMOS PARAR NEM VOLTAR ATRÁS Na foto, da esquerda para a direita: Pedro Lagerblad (Instituto de Bioquímica Médica), Josué Medeiros (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais), Felipe Rosa (Instituto de Física), Christine Ruta (Instituto de Biologia) e Eleonora Ziller (Faculdade de Letras). Não estão presentes os professores Marcos Dantas (Escola de Comunicação) e Jackson Menezes (Macaé)



ADUFRJ EM MOVIMENTO E PELA BASE Na foto, a partir do topo, da esquerda para a direita: Marinalva Oliveira (Faculdade de Educação), Selene Alves (Instituto de Matemática), Filipe Boechat (Instituto de Psicologia), Alessandra Nicodemos (Faculdade de Educação), Regina Pugliese (Aposentada do Colégio de Aplicação), Wilson Vieira (Instituto de Economia) e Marcelo Melo (Escola de Educação Física e Desportos)

CHAPA 1 Presidente: Eleonora Ziller Camenietzki Faculdade de Letras Vice-presidente: Felipe Rosa Instituto de Física 2ª Vice-presidente Christine Ruta Instituto de Biologia	1º Secretário Pedro Lagerblad Instituto de Bioquímica Médica 2º Secretário Marcos Dantas Escola de Comunicação 1º Tesoureiro Josué Medeiros IFCS 2º Tesoureiro Jackson Menezes Nupem/Macaé	CHAPA 2 Presidente: Alessandra Nicodemos Faculdade de Educação Vice-presidente: Selene Alves Maia Instituto de Matemática 2º Vice-presidente Marcelo Paula de Melo Educação Física	1ª Secretária Marinalva Oliveira Faculdade de Educação 2º Secretário Filipe Boechat Instituto de Psicologia 1º Tesoureiro Wilson Vieira Instituto de Economia 2ª Tesoureira Regina Pugliese CAp (aposentada)
---	---	---	---

NOTAS

ADUFRJ SE REÚNE COM REITORIA SOBRE CORTES

Um acórdão do TCU tenta retirar dos contracheques dos servidores federais ganhos judiciais conquistados nos últimos anos. A justificativa é que todos os valores resultantes de planos econômicos são indevidos, pois deveriam ter sido absorvidos após reajustes salariais posteriores. No caso dos docentes da UFRJ, estão ameaçados os 26,05% (Plano Verão) e os 3,17% (Plano Real). A AdUFRJ está tomando todas as providências para preservar os direitos dos sindicalizados. Houve uma reunião entre a diretoria e a reitoria no dia 16. A assessoria jurídica se encontra com a Procuradoria da UFRJ no próximo dia 29.

RICARDO MEDRONHO GANHA TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

O professor Ricardo Medronho, da Escola de Química, recebeu, dia 15, o título de professor Emérito. A solenidade aconteceu no Salão Pedro Calmon, na Praia Vermelha. Medronho é reconhecido internacionalmente em sua área, com patentes no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. Atualmente, ele é o presidente do Conselho Superior da Associação Brasileira de Engenharia Química. “Fiquei muito feliz e honrado com a outorga do título. Estava cercado de pessoas muito queridas, muito amigas. Foi um momento emocionante e muito especial”, comentou o mais novo Emérito da UFRJ.

CEFET DO RIO SOB INTERVENÇÃO DO MEC

Em portaria publicada no dia 15, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, designou seu assessor no MEC, Maurício Aires Vieira, para ocupar o cargo de Diretor-Geral no Cefet do Rio de Janeiro. Os estudantes divulgaram nota contra a intervenção: “Não achamos válida a nomeação de um diretor que seja oriundo de uma universidade do Rio Grande do Sul, que nunca participou do cotidiano da instituição e muito menos concorreu no processo eleitoral”, diz um trecho. “Não admitimos que o governo tenha estabelecido esta medida autoritária e antidemocrática”.



ESCOLA DE BELAS ARTES EM EXPOSIÇÃO



DIVERSIDADE Professores, alunos e artistas formados pela EBA expõem obras de pintura e gravura em diferentes perspectivas e abordagens

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufrrj.org.br

Pela primeira vez, alunos, ex-alunos e professores da Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ vão expor pinturas e gravuras em um espaço fora da universidade. A mostra “Orientações – Pintura & Gravura Contemporâneas” foi aberta na quarta-feira e fica no Centro Cultural dos Correios até 29 de setembro. São 92 expositores que farão um rodízio de suas obras. Dois estudantes do curso farão monitoria diariamente, explorando a importância da EBA para as artes. “É um imenso esforço na atual situação de penúria da universidade. Sou da turma de 1996 e dou aula desde 2007. Nunca conseguimos fazer uma exposição tão grande”, afirmou a professora da EBA Martha Werneck, uma das organizadoras da mostra e expositora. “É uma forma de resistência a um momento tão sombrio”. Haverá um ciclo de palestras com professores, estudantes da pós-graduação e artistas formados pela EBA. Gratuitas e abertas ao público, as palestras ocorrem no auditório do centro cultural. Um dos palestrantes é o professor Julio Sekiguchi, que fará uma oficina sobre materiais alternativos para pincéis e tintas. Sekiguchi ainda vai expor três trabalhos na série “Pinturas para Meditar”. “O mais importante neste momento de ataques à universidade é mostrar à so-



ORIENTAÇÕES Mostra revela ao público a extensa produção da EBA

cidade a produção da EBA em pintura e gravura. O curso é público, há muitos alunos da periferia. Se não fosse gratuito, seria mais elitizado”, disse. Aluna do 8º período do curso de Pintura, Revelyn Veloso Gomes, 20 anos, expõe pela primeira vez. “Podemos ficar muito duvidosos com relação ao futuro, é difícil acreditar em viver da arte. Com a exposição, representamos uma escola com mais de 200 anos de história e provamos que somos capazes. Ter essa oportunidade é incrível”, afirmou a estudante, que vai expor duas pinturas. O coletivo que integra com duas colegas, o Fatura Nervosa, estará na mostra com um diptico (conjunto de placas articuladas). Já Frederico Arede, formado pela EBA em 2014, mostrará dois trabalhos em pintura e fotografia, da série “Manual do Artista”. “Apesar dos problemas estruturais, a escola é muito importante para a formação de conceitos e técnicas, além de ser mais diversa, com linhas de saberes distintos”, disse o artista plástico.

SERVIÇO

■ **Orientações** - Pintura e Gravura Contemporâneas - EBA/UFRJ

■ **Centro Cultural dos Correios**
Rua Visconde de Itaboraí, 20,
Centro - Corredor Cultural do Rio
de Janeiro - Tel: 2253-1518

■ **Até 29 de setembro**, de terça-feira a domingo, das 12h às 19h

■ **Confira a programação das palestras:** <http://www.eba.ufrj.br/images/periodicos/DIVERSOS/orientacoes.pdf>